

MUNDARÉU
UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Temporada 2 - Programa 2
Uma antropóloga na sala de cultura

Publicado em: 11/12/2020

Transcrição do episódio: Arthur Ulhôa e Hugo Virgílio

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

A música do bloco de abertura é “Mudernage”, da Ellen Oléria, o trecho apresentado tem a seguinte letra:

Tá pelo mundo essa mudernage
Esse balanço roto pra fazer você suar
Tá pelo mundo essa mudernage
Esse balanço roto... roto (2x)

[A música diminui, fica o instrumental baixinho como plano de fundo ao longo das primeiras falas].

Daniela: Olá, esse é o Mundaréu, um podcast de Antropologia. E nesse mês de dezembro continuamos com a nossa segunda temporada. Eu sou Daniela Manica, o Mundaréu é um projeto em parceria entre o Labjor, da Unicamp, e o departamento de Antropologia da UnB.

Soraya: Olá, eu sou a Soraya Fleischer. Estou aqui no Mundaréu também, junto com a Daniela [fim da música]. O título do nosso episódio de hoje é “Uma antropóloga na sala de cultura”. Desta vez, o formato vai ser um pouquinho diferente porque nossa antropóloga convidada é justamente a Dani e a interlocutora é a Regina Goldenberg, que participa da pesquisa da Dani. Então a gente vai falar hoje de Antropologia da Ciência, a gente vai falar com é fazer pesquisa dentro de um laboratório, a gente vai ver como a Daniela etnografia o cotidiano de uma outra cientista.

Daniela: A Regina é professora titular do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, da UFRJ, e ela e sua equipe pesquisam as células do sangue menstrual, chamadas por todas nós de “CeSaM”. Esse episódio foi gravado no Rio de Janeiro, em março de 2020, antes do início da pandemia.

Soraya: Como é entrar dentro de um laboratório? Então, vamos imaginar luvas, jalecos, um cheiro de biotério, bancadas branquinhas, placas de Petri.

Daniela: É, mas imaginem também muita coisa que nós já conhecemos no nosso campo, artigos, congressos, financiamentos para pesquisa, editais, concorrência. Será que o que a ciência que a Regina faz é tão diferente da que eu e você fazemos, Soraya?

Soraya: Essa é uma boa pergunta, Dani. E vamos falar também muito de cultura, esse conceito tão importante pra Antropologia e ao que parece, também pra Regina e a equipe dela. A Dani teve a chance de conhecer, olha só, uma sala de cultura!

A música de transição para o Bloco 1 é “Tamborins da Amizade”, da banda Escravos de Mauá:

Sonhei, eu sonhei
Um dia o cais do porto se vestiu de azul do mar
No céu, o astro rei
Salpicava de amarelo os quatro cantos da Mauá

[A música diminui de forma gradativa quando a Soraya começa a falar].

BLOCO 1: Diferentes trajetórias se encontram

Soraya: Eu vou começar perguntando então um pouquinho da trajetória de vocês né. O que que vocês estudaram? [fim da música] E como é que vocês vieram parar onde vocês estão agora, em termos de formação?

Regina: Eh, o meu início vai lá, pensando no ensino médio, foi/ eu fiz técnico em turismo, naquela época tinha ensino técnico né e a minha ideia era então conhecer todo mundo e viajar e pesquisar, eu tinha uma curiosidade interna muito grande. Mas eu tinha um encantamento pelos alimentos que vem da minha infância, de ter tido horta, de ter plantando e o alimento me, eh, eu achava aquilo muito bonito, eu estudava em cima de uma goiabeira pra olhar como que era a folha nas aulas de ciência, a folha, o fruto, que a gente aprendia, o que que era o tronco. E aí veio a/ o estudo de nutrição na graduação e eu me apaixonei enfim fiquei muito bem na universidade, também passei logo pra uma universidade pública, na UFF e aí concluí o meu curso. Mas a questão da pesquisa ficava ainda muito, né, porque era um curso ainda novo na época, não era reconhecido, eh, então, eh, eu queria, eh, poder fazer pesquisa, aonde que tava essa pesquisa e falei “bom eu acho que tem que ser pra ser professora, tem que ser professora pra tá perto da pesquisa”. E aí nessa, nesse momento que eu tô ensinando os alunos que me surge o aluno (Cameron) que então com essa turma muito motivada e com esse aluno em especial, eh, ele

começa a me indagar "por que não o mestrado?" E aí então ele me apresentou ao outro laboratório que aí já veio com uma proposta onde já existia uma doença, que era a doença de chagas, uma doença negligenciada, eh, com poucos recursos, eh, e pacientes, a população mais carente é que é afetada e aquilo então que era pra estudar a conversa entre as células, estudava as junções comunicantes no coração, já que em torno de trinta por cento dos indivíduos que são picados pelo barbeiro, são infectados pelo trypanosoma cruzi desenvolvem doença cardíaca. Então existe um distúrbio na comunicação das células desse paciente. Então eu ia estudar a conversa dessas células.

Daniela: Eh, eu fiz tecnologia de alimentos no ensino médio, eh, no colégio técnico da Unicamp. E eu consegui estágio num laboratório que era de tecnologia de alimentos e que trabalhava especificamente com microbiologia e eu fiquei encantada com o trabalho com microbiologia, achei muito legal, eh, aquela coisa de isolar né, cultivar as células. E decidi fazer biologia por causa disso. E aí eu entrei na biologia muito fascinada com o discurso justamente sobre as células e eu lembro de achar lindo aquilo né? Como é que se formou aquele organismo, aquela unidade né, aquela estrutura que tem uma fronteira, que tem toda uma relação entre o dentro e o fora. Mas aí logo no primeiro ano aquele, todo aquele meu encantamento foi sendo perdido por um excesso de especialização, eu brincava que parecia um curso de línguas né? Você tinha que aprender todos os nomes de todas as estruturas de todas as funções de todas as pequenas coisas e eu acabei eh, tendo aquela experiência universitária de poder circular por outros institutos e conheci as ciências sociais, que era uma área que eu não tinha no meu horizonte quando eu fiz colégio técnico, né. E aí resolvi que era por ali que eu ia resolver minha questão com biologia que era uma questão mais filosófica do que propriamente técnica, especializada, e eu achei que teria mais espaço pra fazer isso lá.

Soraya: Eu queria então retomar, eh, o lugar do alunado, né, das alunas, dos alunos nas nossas carreiras, nas nossas trajetórias. A Regina já começou a falar de um aluno que convidou para conhecer o laboratório pra fazer esse pulo né da docência já pra dentro da pesquisa. Eu queria saber da Dani, ela também tem uma história nesse sentido, né.

Daniela: É, na verdade acho que a nossa pesquisa juntas, hoje, se deve às minhas alunas, a quem eu sou muito grata, às minhas alunas de enfermagem. Eu quando era professora no IFCS eu sempre gostava de dar esse curso que chama Antropologia Cultural pra Enfermagem. E ao mesmo tempo toda aquela efervescência política da/ eh, dos anos 2010 né, muita coisa acontecendo, muitas alunas muito mobilizadas por questões feministas isso me afetando demais, e resolvi começar a olhar pra menstruação, e aí comecei a ver, eh, manifestações artísticas que mobilizavam a visualidade do sangue menstrual. Então artistas ou mesmo mulheres nas redes sociais postando fotos do sangue menstrual, fazendo desenhos com o sangue menstrual, pintando o corpo com sangue menstrual, trazendo o sangue menstrual pra cena pública, eh, com uma inflexão política e aí eu apresentei isso pras minhas alunas. E aí quando eu, quando eu apresentei esse trabalho ela falaram assim "poxa, professora, você sabia que lá no Fundão tem uma professora que faz pesquisa com sangue menstrual e ela descobriu que tem células tronco

no sangue menstrual?" E aí eu falei "nossa, [risos] jura?" Então foi assim que eu cheguei na Regina, foi através desse toque, eu fui atrás imediatamente, achei o email dela, escrevi, falei: "oh, Regina, eu sou antropóloga, tô trabalhando com menstruação, vi que você tem pesquisas nessa área, vamo conversar?" Né.

Soraya: Quê que você achou Regina quando você recebeu esse email de uma antropóloga?

Regina: Então, eu, eu inicialmente eu olhei e falei "gente por que uma antropóloga quer conversar comigo? O que será que vai, vai surgir disso? Eh. Será que vai ser muito papo diferente, né, da minha área." Mas por outro lado, eu sou muito curiosa e eu não deixo uma oportunidade passar, eu falei "eu vou conversar, sim. Vamos ver o quê que a gente tem em comum, pra ela querer conversar comigo. Além do que ela mencionou a questão do sangue menstrual." E aí a Dani chegou, a gente conversou e, é uma coisa até que eu até já comentei com ela né, ela é uma pessoa muito firme, mas delicada e agradável e inteligente, sabe você vai juntando. E ela foi me conquistando no que ela foi conversando e nas questões que ela levantava que absolutamente não faziam parte do meu repertório. E eu falei "nossa, tem toda uma área pra gente falar sobre sangue menstrual que não é só isso que eu tô vendo." E aí a gente fez uma parceria que deu muito certo, tá dando muito certo, eu espero que continue dando certo.

Soraya: Tem já cinco anos né que vocês fazem pesquisa juntas?

Regina: Isso.

Daniela: Então eu me lembro que na sequência das nossas primeiras conversas uma coisa que eu fiz foi mandar esse artigo pra vocês, né, pra Karina e pra Regina. "Olha, esse aqui é o meu artigo sobre o uso de sangue menstrual, eh, por mulheres, artistas em performances e eu acho que vocês estão fazendo uma coisa parecida, mas com uma linguagem científica né, que tal, como é que é isso, né?" Então foi assim que eu apresentei um pouco essa minha perspectiva pra elas achando sempre desde o primeiro encontro, eh, achando que vocês pudessem recusar o vínculo né, dizer "não, imagina, a gente não tem nada a ver. Não, antropólogo, imagina, a gente tem mais o que fazer." Sabe? Eu sempre achei que não ia rolar [risos]. Então cada vez que rolava eu falava: "gente, rolou, que legal, eu vou poder continuar e tal." E a recepção que elas tiveram do artigo foi muito positiva assim, do tipo "tá, beleza." Viram várias fotos de mulheres com sangue menstrual na cara, coisa que às vezes em rede sociais, né dão aquelas polêmicas, têm reações muito, eh, preconceituosas, muito misóginas né, e eu achei que a minha pesquisa tinha um, desde o começo a minha perspectiva era muito situada, politicamente situada, feminista na pesquisa, né, e eu achei que isso fosse um ponto que a gente que tivesse algum tipo de recusa, mas nunca teve, então acho que funcionou bem.

Soraya: Mas é interessante né Regina, ela, ela fazer esses passos todos pra chegar no campo, como a gente chama, né, na Antropologia, e um desses passos ter sido a entrega de um artigo científico, né, e a comunicação entre vocês passou em alguns momentos por artigos pela produção acadêmica de ambas as partes.

Regina: Sim eu/ eh, e eu acho que foi uma, um, foi arriscada o envio do artigo, mas eu acho que nesse momento era como a Dani falou, ou era sim, ou não. Com esse artigo ela se posicionou assim "isso é o que eu estudo". Não tem assim um abrandamento pra ver se a gente ia continuar, não. "Olha, leiam o meu artigo e aí vamo ver o que acontece." Então essa transparência, eh, também deu muita legitimidade pro nosso relacionamento porque eu sabia, eh, ela mandou pra mim, pra Karina, que é essa pós-doc hoje né, que desde o mestrado, eh, vem estudando as células do sangue menstrual comigo, eh, por ser uma menina muito forte, e né, e aguentar toda a crítica de, de quem trabalha com as células, eh, mais aceitas, eh, dentro do laboratório. E a gente leu e eu incentivei, falei "não, Karina, vamos, vamos entrar nessa história, uma nova história, uma nova perspectiva." Mas foi isso, ela fez uma aposta, ela jogou todas as fichas e eu podia realmente na hora de olhar ou né "nossa, mas isso é demais pra gente." Mas eu acho que essa também essa transparência selou uma, um relacionamento bom pra mim né.

A música "A Grande Beleza", da banda Escravos da Mauá, é reproduzida com o seguinte trecho:

O vento move o moinho pra refrescar
Explode o muro pra ver o mar
No cais passado e futuro
Vai dar o maior fuzuê
Como eu e você

[A música diminui de forma gradativa quando a Soraya começa a falar].

Miolo

Soraya: Quando você tava falando da sua trajetória a definição de um tema de pesquisa e de onde vem [fim da música], né, os elementos que vão compondo um tema e como por muito tempo durante a sua pós graduação você ficou com a não menstruação e depois quando você vai começar um, um novo tema, eh, você vai pensar na presença da menstruação né. E, e ela em geral é muito associada a reprodução e, quando não, é tida como descarte e você vai dar de novo uma volta nisso, né, e junto com Regina, eh, ressignificando esse descarte entre aspas, e na verdade com toda uma potência de vida, né, pra uma/ um tecido, um, uma substância uma parte do corpo que passa a ser valorizada, muito valorizada, né. Seja lá no começo quando você encontra as artistas, eh, se pintando, né, deixando as marcas do sangue pela roupa aparecerem, até agora encontrando as cientistas que tão aí tentando batalhar, eh, pela legitimidade desse tecido humano. Então, eh, eu acho super interessante, né, como vocês juntas, essa pesquisa, essa antropologia que se faz conjuntamente, que vão ressignificando as células, eh, né, e os tecidos da menstruação.

Daniela: É, quando eu cheguei no laboratório eu lembro uma das minhas primeiras anotações no meu caderno de campo foi a dificuldade da própria Regina de falar menstruação.

Soraya: Quê que ela falava?

Daniela: Ela foi me apresentar pra uma pessoa e falou "ah tá aqui a Daniela, eh, ela também estuda essas células." Aí eu falei "gente, mas eu não estudo célula, eu estudo menstruação." [risos] Claro, hoje eu digo que eu estudo célula, mas ali eu ainda não estudava, né, e aí eu falei "eu acho que ela não tá conseguindo falar que eu estudo menstruação, né?" E aí eu comecei a ficar ligada pra ver se eu ouvia essa palavra, ou menstruação ou sangue menstrual ali pra se referir a mim ou às pesquisas ou ao que fosse e eu só ouvia CeSaM, CeSaM, CeSaM e aí eu fiquei pensando "pô, CeSaM é células do sangue menstrual" foi um acrônimo que elas criaram ali pra não ter que falar sangue menstrual. Porque quando é célula da medula não tem sigla, quando é célula do líquido amniótico não tem sigla, nenhuma das outras células têm siglas, né, a sigla foi uma forma de tornar falável, né. Tinha um apelido pejorativo que era as "células do chico" que é uma expressão popular pra falar que tá chico é que tá menstruada, né, a mulher tá menstruada.

Soraya: Mas ela também nos contou anteriormente sobre, por exemplo, a banca de defesa de uma das alunas dela em que a banca ficou muito incomodada com a menção recorrente, né, não da sigla CeSaM, mas do sangue menstrual, a menstruação, o sangue, tá tá tá, e a banca sugere de forma eufemística né, "será que não daria pra usar outro termo, quem sabe endométrio?" É. E aí a Regina e a orientanda dela falam "não, não é um tecido que a gente vai lá retirar, ele sai, ele é outro tipo e tal." Tem um outro ponto que eu queria comentar que é sobre a pesquisa situada, a sua insatisfação de não responder de forma categórica o que que você achava sobre [supressão] de menstruação e aí você vai também achando o seu lugar pra se situar, onde você fica confortável e uma, e assumindo mesmo "é daqui que eu falo, é desse jeito que eu falo, é com essa literatura que eu me amparo", né. E pra mim é muito legal assim como num lugar onde neutralidade, né, e a limpeza e, como é que vocês falam, a descontaminação, né, do laboratório com, seja teoria, seja ideologia, então nessa expectativa de ausência de viés, é a sua situacionalidade, né, como antropóloga, que conquista a Regina. Quando ela fala assim "nossa, foi a transparência da Daniela, ela vindo de forma super franca, eu sou isso e eu trabalho assim." Foi isso que, que convenceu ela do trabalho antropológico que você queria realizar ali e isso é super interessante, né, eu acho que nós estamos falando aí de paradigmas científicos muito diferentes que conseguiram dialogar, né, não sei se você concorda, mas...

Daniela: É, eu concordo, eu acho que foi isso de cara eu cheguei eu tinha quase certeza que elas iam olhar e falar "não, imagina."

Soraya: "Que viagem."

Daniela: "Vem fazer feminismo aqui no meu laboratório, não precisamos disso." Mas eu acho que é o fato de que elas precisavam disso de certa forma, né, de um, de um movimento coletivo que ajudasse a dar força, um pouco mais de força pra algo que é forte, que é o caso da CeSaM, né. Essa sensação de absurdo que vinha da Regina da experiência dela de perceber que essas coisas não ganham força, elas não ganham centralidade, elas não decolam, por razões que não são científicas, que não são coisas que têm a ver com o, eh, com o concreto ali, com o objetivo, né. E tem sim a ver com a visão de que, eh, mesmo as mulheres sendo mais da metade da população elas são minoritárias ou seja elas são, eh, menos humanas, né, são "o segundo sexo"

como fala a Simone de Beauvoir, né.

Soraya: E na conversa de vocês pra mim fica muito claro como você nesse movimento de se reposicionar enquanto pesquisadora, elas também se reposicionaram quanto pesquisadoras, né, essa coisa de uma vai com a outra junto, né.

Daniela: Então, pra mim foi sempre muito bom ter chegado nesse momento da minha vida no qual eu pude assumir um lugar, resolver um lugar, né, pra minha pesquisa, e pra forma como eu olho pro meu próprio corpo, pra minha própria menstruação, eu tenho toda uma história de endometriose, de cólicas, eh, eu nunca escrevi nem falei sobre isso, eu tinha dois úteros, eu fiz uma plástica, tem uma história muito grande com a ginecologia que me levou pra esse tema de pesquisa, mas que eu também num esforço científico de separar, né, nunca trouxe muito pras minhas pesquisas anteriores e aí chegou num certo momento que eu falei "não, eu vou acabar, não quero mais falar sobre isso, nem hormônio nem menstruação, mas eu não vou acabar assim." [risos] "Eu vou ter que dar uma volta nessa história" e aí eu me aproveitei do que tava acontecendo com a menstruação de uma forma mais geral e as coisas foram chegando e chegam até hoje, tem muita coisa acontecendo.

A música de transição para o Bloco 2 é "A Grande Beleza", do grupo Escravos da Mauá, o trecho apresentado tem a seguinte letra:

Velho é quem tem 100 a mais que eu
A alma que enruga, que não sofreu
Dá teu sorriso de presente
Quem não vier sambar perdeu,
Tem muita luta pela frente,
Chega de recuar, já deu (2x)

A música é um samba alegre, com som que lembra um chocalho, alegre. Lembra muitas cores, algo colorido e feliz. A música diminui, fica o instrumental baixinho como plano de fundo ao longo das primeiras falas.

BLOCO 2

Soraya: Talvez assim pras pessoas que estão ouvindo a gente, que tão acompanhando o Mundaréu não saibam como é fazer pesquisa num laboratório como esse onde a Regina trabalha, né, eh, de cardiologia celular e molecular. Então, a Dani podia nos contar um pouco assim...

Daniela: Eu nunca tinha conhecido o Instituto de Biofísica, então eu cheguei meio perdida, até hoje eu ainda me perco um pouco porque são muito corredores muito longos e fechados, com várias portas. Eh. E os corredores são nomeados por letras, mas não existe uma sequência muito lógica das letras, então eu me lembro que era uma letra e aí eu comecei a andar por aqueles corredores, alguns têm uns cobogós, umas ventilações, mas tem aquele cheiro forte de biotério

e muitos estudantes circulando de jaleco pelos corredores, mas enfim, cheguei lá no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, importante né, com toda a história da Doença de Chagas ali que marca um pouco o instituto, então tem todo um corredor cheio de memórias né, da formação dos professores e dos alunos. Mas eu consegui chegar lá e aí bati na porta e aí me levaram até a sala da Regina, né. O laboratório, eh, é um espaço retangular, a sala da Regina fica assim entrando a direita tem um corredorzinho e aí é a última salinha do lado direito, uma sala, eh, grande pro laboratório, mas pequena pra um pesquisador, né? Eh.

Soraya: Aí você tá falando de uma sala que é um gabinete da professora Regina.

Daniela: É o gabinete dela. (Soraya: Tá.) É a sala que ela tem ali sozinha. E ela tava lá sentadinha na cadeira dela, que é uma cadeira especial pra coluna, né. Eu lembro de ter estranhado a cadeira e falado “nossa”, eu nunca tinha visto uma cadeira como aquela que ela fica ajoelhada ali e fica lá o dia inteiro ajoelhada trabalhando loucamente e então eu comecei a pesquisa conversando com a Regina e aos poucos ela foi me apresentando pras outras pesquisadoras que trabalhavam com as Cesam. Primeiro a Karina e aí eu conversei com a Karina e pedi pra acompanhar algumas coisas que elas vinham fazendo e depois veio a Rosana, e depois veio a Marianna, a Julia, enfim eu fui conhecendo toda uma geração de pesquisadores ali. Eu fui acompanhando um pouco o cotidiano, a rotina das pesquisas e o meu enfoque era saber o quê que acontece com o sangue menstrual quando ele chega no laboratório, isso era uma das primeiras perguntas de pesquisas então eu também acompanhei esse procedimentos laboratoriais de, eh, de coleta, de processamento, de isolamento, plaqueamento, expansão, que elas fazem com as células do sangue menstrual. Então isso foram algumas sessões de acompanhamento dos procedimentos quando elas entram num espacinho específico lá do laboratório que é o espaço de manipulação, não sei se tem um nome.

Regina: É a sala de cultura.

Daniela: Sala de cultura e aí é um espaço, eh, ritualizado pra você entrar, você tem que se paramentar pra evitar contaminação né. Então põe luva, põe avental, põe touca, máscara, põe o propé em cima do sapato e aí entra, né. Então acompanhei vários dos experimentos que elas vinham fazendo as pesquisadoras vinham fazendo pra cultivar as células, eh, pedi pra ver as fotos das células e aí fiz várias conversas com as pesquisadoras pra saber o que que elas tavam fazendo.

Soraya: É muito legal né uma antropóloga entrando na sala de cultura.

Daniela: Eu achei o máximo, adorei a experiência {risos}. Elas achavam meio pentelho assim meio assim "puxa, que saco essa antropóloga aqui." É aquele é aquele elefante branco na sala, né, porque é uma pessoa que tá ali e fica perguntando um monte de coisa e às vezes eu sentia um pouco aquele efeito de ser o chato que é uma coisa que os antropólogos têm muito, né, de ser aquela pessoa que interrompe o fluxo dos acontecimentos que têm uma pressa, tem uma urgência, tem um interesse, tem uma preocupação com o procedimento e eu lá perguntando "mas o que que é isso? Pra que que faz aquilo?".

Soraya: É ou então esse incômodo de perguntas sobre obviedades, né, pra uma pessoa que é especialista naquele, naquele ritual ali todo, né. Infantiliza um pouco a gente nesse lugar, no sentido de a gente não sabe coisas que aquelas outras pessoas todas sabem.

Daniela: Mas elas sempre foram super receptivas assim, pacientes comigo ali incomodando um pouquinho.

Regina: É. Eu, eu não diria que fosse um infantilismo das perguntas, eh, é porque a gente tem um prazo, um tempo de bolsa pra fazer uma pesquisa, pra que elas tenham uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado, nada pode dar errado, cada experimento, né, consome uma verba grande, um tempo exaustivo. Então, eu acho que é mais pelo lado de a pessoa tá muito concentrada e querer muito que aquilo lá não aconteça nenhum problema...

Soraya: Bom, então, até agora, a gente tem falado da Cesam de forma muito natural, né, assim muito familiar pra vocês, mas não é exatamente isso, né, pra um público mais geral, eu por exemplo só fui aprender essas coisas todas com vocês. Então eu queria pedir pra Regina, eh, me explicar um pouco sobre esse mundo dos tecidos humanos, né, que são o material, a matéria prima pra se fazer essas pesquisas. Eh... como que esses tecidos são escolhidos, como eles são providenciados, fornecidos e como é que eles são classificados, quais são mais importantes, mais prestigiosos, mais aceitos?

Regina: Então: as células tronco sempre tiveram lá, elas já eram conhecidas, já eram descritas nos livros e já eram utilizadas para transplante de medula óssea, das doenças hematológicas presentes nos pacientes. Então, eh, retirar a medula óssea e recolocar num paciente tem mais de 50 anos, então qual seria a primeira célula, a célula mais fácil? Essa. Eh. Autóloga, você tá utilizando a sua própria célula pro seu próprio corpo só que agora em outro órgão pra ver se dá certo, então naturalmente a célula da medula óssea foi a primeira, então a gente tem uma grande onda, eh, de utilização de célula da medula óssea. E aí começou a surgir uma segunda onda que eram as células musculares, esqueléticas, porque se a gente pensar bem, faz todo o sentido, "músculo com músculo". Só que aí as células musculares, eh, esqueléticas não conversaram com a célula do coração. O que que aconteceu? Aquele músculo que a gente botou ali, aquelas células, geraram na realidade um foco de arritmia porque não passava o impulso elétrico do coração que é prévio ao a contração não passa por ele porque a célula do coração não quer conversar com a célula do músculo e aí chega ali e para.

Soraya: Era quase um efeito em iatrogênico.

Regina: Exatamente. Então a muscular esquelética falou "é, elas não conseguem conversar". Ou a gente não sabe fazer com que elas conversem e aí caiu. E entra no circuito as células do tecido adiposo porque aí você tinha uma, uma fonte enorme nos hospitais ou nas clínicas com cirurgias plásticas porque a lipoaspiração te dá um volume enorme. Os cirurgiões, os esteticistas já usam as células de gordura pra preenchimento. Vou dizer pra você, é uma opinião da Regina, não é uma opinião da comunidade científica, me causa um, um sério, né, problema de entendimento fisiológico, eh, colocar células gordurosas no sangue para chegar no coração.

Soraya: Então você tá me falando de células que tiveram, né, receberam um super entusiasmo, ondas, né, como você chamou e depois não se provaram tão eficientes e é assim essas ondas vão aparecendo, né?

Regina: Exatamente. Nós então tivemos a onda das células fetais. Então tinha placenta, líquido amniótico e cordão umbilical.

Soraya: E como é que a gente chega nas CeSaM?

Regina: Eh, a gente fica nesse pensamento de qual célula mais utilizar, surge um artigo, eh, um comentário sobre célula do sangue menstrual, eh, um comentário de um grupo, eh, dos Estados Unidos, e aí aquilo ali me chamou uma atenção falei "nossa, é o descartado, é aí que a gente vai para fazer algumas pesquisas. É nessa célula agora que eu vou investir porque ela pode, eh, ser colocada de forma autóloga, eh, nas mulheres." E aí, você vê que coisa engraçada né, toda vez que eu ia apresentar, falava assim "ah, mas você só vai atender as mulheres, né?". Mas aí mesmo que seja então uma célula que vai atender as mulheres, tá bom os homens não serão contemplados, qual é o/ por quê que ela é o/ eh, vocês tão fazendo essa pergunta pra mim? Ela já tá atendendo uma fração enorme da população." Mas era assim "mas lembra que essa célula você só pode usar pra mulher". "Tá bom." Continuava sempre a mesma questão de que era uma célula que não podia contemplar os homens e eu achava assim incrível como isso acontecia recorrente porque você vai ajudar uma doença rara, eh, você vai atender um grupo pequeno de pacientes, mas isso não desmerece o estudo e o avanço nessa área. E atender as mulheres, né, mais de 50% da população, parece que não era uma coisa bem vista e aí a gente vai enfrentando todos os, eh, os percalços durante esse período que é aquilo que eu comentei com você, a urina veio, teve um leve, eh, as pessoas não gostavam muito, mas alguns pesquisadores, homens, começaram a estudar e aí a crítica diminuiu. E aí entra as células das fezes que tão agora bombando.

Soraya: É a onda do momento.

Regina: É a onda do momento. Então, você imagina isso vai ser ingerido, o que não tem nenhum problema, só tô pensando assim, como que a coisa é mais fácil você colocar, eh, cápsulas de fezes de um indivíduo jovem, eh, com uma microbiota boa para resolver um problema de cólon irritável, doença de Chron. Isso é mais fácil - ingerir as fezes de uma pessoa mais jovem - do que a gente colocar o sangue menstrual no cenário que ele deveria estar.

Daniela: Ótimo. Essa história é muito boa.

Soraya: É sensacional. Uma ótima história e uma comparação muito eficiente, né? Assim, que a gente começa a perceber que tem várias outras coisas envolvidas nas decisões sobre quais tecidos, pra quem, né? E de quem? Eu queria pensar então um pouco sobre de onde vem o material, né, o tecido que vocês usam no laboratório.

Regina: Então, as células do sangue menstrual vêm das meninas do laboratório, do laboratório do lado, então é aquela coisa de quem tá na vez pra poder levar rapidamente pro laboratório e

ser processado.

Soraya: E é de todo mundo, Dani? Todo sangue que corre pelo laboratório?

Daniela: {risos} Eh. Eu sempre achei isso muito legal e muitas vezes as pessoas me perguntam também, né. "De onde vem as células do sangue menstrual? Quem doa, né?" Eh. E eu perguntei muito isso pras pesquisadoras ali, pra Karina, pra Rosana, pra Marianna, pra Júlia né e todas elas sempre diziam "Não, eu já usei células minhas várias vezes, às vezes quando eu tô precisando fazer o experimento e eu não tô menstruada eu peço pra alguém que esteja, alguma doadora, peço pras meninas e tal". E sempre tem alguém que doa, né.

Soraya: Teve uma expressão que a Regina usou na conversa preparatória pra essa gravação, que ela falou: "Bom, então lá no nosso laboratório a gente dá o sangue pela pesquisa".

Daniela: Eh. E aí nessa minha última vinda agora pro campo em fevereiro eu tomei coragem pra pedir pra fazer uma coisa que eu tinha pensado desde o começo na pesquisa {risos} E eu tô querendo fazer um experimento também com a produção da imagem das células, né, mas é um experimento que envolve as células serem minhas células, né, um experimento meio, eh, autoral digamos assim. Então eu pedi pra Regina se eu podia doar... da última vez que eu vim pra campo eu tava menstruada e aí falei, "Poxa, eh, será que rola né? A gente fazer um experimento assim?". E aí foi super interessante já a experiência porque é um outro engajamento na pesquisa, né? Um engajamento muito pessoal, muito visceral mesmo, né, de pegar lá uma coisa do seu próprio corpo. Mas eu nunca tinha feito, né, isso de doar o meu sangue menstrual, de fazer o meu sangue menstrual entrar nesse circuito de produção e de existência nesse ambiente do laboratório, né.

Soraya: E pra própria produção da sua antropologia. Todos nós quando estamos fazendo pesquisa a gente se planeja, o nosso cronograma, pra poder ir pro campo, quando é que a gente vai, quando é que compra a passagem, se a gente vai pra um lugar distante e as variáveis que a gente considera pra poder fazer esse planejamento de cronograma e de atividades, né. No caso da Dani, então, agora ela vai começar a pensar por exemplo "ah eu vou fazer campo, pera aí deixa eu ver o meu ciclo menstrual como é que tá". E ele vai entrar como um dos critérios pra poder organizar o campo e isso é incrível, né? Eu queria pensar um pouco sobre isso. O quê que a CeSaM nos leva a pensar, né, sobre a ciência, sobre a relação entres pesquisadores e pesquisadoras?

Regina: Olha, então vou começar. Eh. Eu acho que foi isso mesmo, a gente via a CeSaM como uma outra fonte de célula tronco mesenquimal que a gente pudesse trabalhar e pudesse caracterizar e utilizar para um grupo. Então ela é/ tava lá, né, na, no ponto de igualdade, do ponto de vista de pesquisa, com as outras células, era só mais uma célula. Com a chegada da Dani, realmente, eh, a gente passou a olhar a célula, então ela trazia algumas colocações que a gente fala "ah a célula tá feliz, a célula não tá feliz." E aí ela olhava "o que quer dizer célula feliz?" Falei "pois é, a gente tem que olhar pra célula e ver que ela tá feliz lá em cultura." Porque a gente olha a gente sabe quando ela não tá feliz, quando ela não tá feliz não adianta continuar o experimento. E é uma coisa que você vai aprendendo ao olhar a célula todos os dias, ela tá com uma carinha mais infeliz ou ela está sorrindo pra gente, mas é uma subjetividade que só quem trabalha todos

os dias chega uma hora e fala "Professora, as células estão muito felizes." Eu falei "ele já pegou o quê que é." E a gente então passou a olhar a célula e ver, eh, e a questionar, né, por que que eu não tenho um *grant* falando sobre célula menstrual? Eu nunca penso em colocar ela ali porque eu mesma já acho que vai ser negado, então pra não correr o risco, né, de não ter verba pra trabalhar acabo usando a verba de outros projetos pra tocar os projetos dela e aí veio, começaram a esses questionamentos a pipocar na nossa cabeça, na cabeça das meninas. Mas é bem diferente do que a gente olhava essas células há cinco anos atrás, eh, hoje a gente olha a célula assim, mas a gente olha, eu por exemplo já olho, eh, revistas que já estão indicando, eh, que aceitam, eh, edições especiais, desde que seja sobre a saúde da mulher. Então agora eu já tenho um olhar assim "qual revista está privilegiando, eh, artigos que falem sobre a saúde da mulher, pesquisa na saúde?". E isso tá crescendo e aí eu tô buscando esses fóruns pra que a gente coloque a nossa célula, talvez se não tivesse essa interlocução e esse convívio com a Dani talvez isso não passasse pela minha cabeça e eu acho que agregou muito valor ao que a gente faz.

Soraya: Que legal, né, isso.

Daniela: É, muito bom. Eu quando eu cheguei, eh, eu cheguei só com esse interesse antropológico de como que o sangue menstrual vira célula e o que que acontece, né, eu não tinha muita dimensão do que que eu ia encontrar. E uma das primeiras conversas que eu tive com a Regina ela já me falou "olha, eh, é isso é uma célula muito boa pra trabalhar, ela funciona super bem, mas ela, a gente tem um pouco de receio de trabalhar com ela, a gente não dá tanta visibilidade, não tem tanta verba pra pesquisa, não tem tantas publicações." E eu fiquei com aquilo, né, com aquela pulga atrás da orelha tentando entender por quê. A célula do sangue menstrual, comparando com todos esses outros tecidos que a Regina elencou ela é, eh, tão boa quanto senão melhor são células que resistem muito bem às condições de laboratório e o que um cientista precisa é que as células consigam ser isoladas, sobrevivam ali as diferentes transferências de meio, de placa, expandam, ou seja, formem grandes colônias, e o sangue menstrual provinha uma fonte super rica, volumosa e muito resistente, essa coisa da resistência às condições de laboratório. E ficou pra mim e pra elas, acho que a gente foi se dando conta juntas da injustiça que é você ter uma fonte rica de células e você não ter isso como uma prioridade de pesquisa científica, né. É uma questão, eh, marcada por gênero, né, só pode ser isso que explica você ter uma célula excelente e ela não ser, eh, central nos editais de pesquisa. Eu tenho uma paixão muito grande pela CeSaM, né, e é uma paixão feminista porque no fundo a CeSaM ela expressa pra mim, eh, muitas das questões que mulheres e outros grupos minoritários enfrentam nas duas dinâmicas vitais, né. Se a gente pensar a CeSaM num universo de pesquisas na área, eh, são muitas das mesmas dificuldades que mulheres enfrentam no mercado de trabalho, que pessoas que, né, que não têm as condições de privilégio educacional, eh, que as pessoas mais ricas têm, enfrentam pra tentar conseguir viver, né, conseguir resistir, conseguir sobreviver, né. As CeSaM tem servido muito pra eu pensar como é que isso pode tá em, né, escalas microscópicas acontecendo também, né, e pra pensar gênero e ciência que eu acho que é uma questão, do tipo "como assim, né? A gente engole cápsula de cocô e não pode fazer pesquisa com sangue menstrual?". É uma revolta, né, e eu acho que essa nossa aliança vai muito

no sentido do tipo de antropologia da ciência que eu acredito também, que é politicamente situada, eh, essa nossa aliança nos fortaleceu. Eu acho que dá pra gente avaliar um pouco por aí, né, Regina.

Regina: Dá sim. A gente tem feito esse movimento, eu tenho feito esse movimento propondo os projetos pra as alunas e agora eu tô dedicando um tempo especial para a publicação desses artigos. Então isso vai escoar esse ano se a gente não aumentar o número de publicações a gente não tem visibilidade então esse é o meu foco agora, é colocar todos os nossos dados da CeSaM pra fora, que ela é uma célula que mensalmente, eh, aquela área é/tem uma agressão, né, descama e renova, descama e renova, então é uma célula forte que resiste a esse movimento muito, eh, de ataque, né, daquela tecido.

Daniela: Violento, né?

Regina: Violento porquê de repente tudo se despenca e é expelido e tudo tem que se renovar. Então é uma renovação de, se a gente pensar, de vida celular mensalmente, não é qualquer célula que faz um negócio desse.

Fechamento

A música de transição para o fechamento é “A Grande Beleza”, do grupo Escravos da Mauá, o trecho apresentado tem a seguinte letra:

Por isso, vou te contar e a gente acredita
Guarda no samba a lembrança
Dá minha, no mar a navegar
O corpo de toda esperança
O duro é sonhar
Meu canto, é a minha providência

A música é um samba alegre, com som que lembra um chocalho, alegre. Lembra muitas cores, algo colorido e feliz. A música diminui, fica o instrumental baixinho como plano de fundo ao longo das primeiras falas.

Soraya: Linda. A frase final ficou linda. Com chave de ouro, maravilhosa. Ficou maravilhoso. Nossa, ficou lindo. "Não é qualquer tipo de célula." Lindo, lindo!

Daniela: Essa coisa de aguentar esse desafio existencial é muito forte, né, e eu achei muito bonito, eh, o fato das CeSaM serem assim, né.

Soraya: Você acha que é uma metáfora pros dias de hoje?

Daniela: Total. Eu acho que na verdade, pra mim pelo menos, desde quando eu comecei a pesquisa que tudo foi, eh, ficando pior e pior e pior e o mundo tá ficando muito mais difícil né,

ter, eh, essa imagem, né, que a gente tem chamado de uma ontologia da resistência, né, uma forma de construção de um, de alguma coisa, uma entidade lá, uma célula que resiste, né, eh, funciona muito como uma inspiração pra pensar como que a gente, eh, sobrevive em contextos mais inóspitos, né. Então não é assim num é que também porque a CeSaM funcionam bem que necessariamente elas vão salvar a humanidade, né, tem muitas mediações pra acontecer ali. Mas eu prefiro tá ali ocupando o devir da CeSaM, né, ocupando aquilo que a CeSaM pode se tornar, aquilo que ela pode ser a partir da minha entrada nessa conversa também [risos]. Não é só a conversa das células que importa, a nossa também.

Soraya: [risos] conversas todas.

Daniela: Eh. E eu acho que [risos] nesse lugar que a gente tem que tá. Eu acho como antropólogos da ciência não é naquele lugar de tá longe só falando sobre o que os cientistas fazem, eu acho que agora é hora dessas alianças, né, da gente tentar ver o que que a gente pode tentar fazer junto, como a gente pode fazer junto e como que a gente pode interferir no desdobrar dos acontecimentos, né.

Soraya: E que sorte poder fazer pesquisa antropológica com uma cientista como a Regina que valoriza a conversa em todos os sentidos.

Daniela: É.

Soraya: Uma conversadeira, né?

A música do bloco de encerramento é “Mudernage”, da Ellen Oléria, apenas som. A música tem uma batida moderna, ritmada e meio pop. Tem sons marcados. A música diminui, fica o instrumental baixinho como plano de fundo até o final do episódio.

Soraya: Bom, as células, as antropólogas, as pesquisadoras de bancada – todo mundo conversa. Mas a conversa só começa com essa curiosidade, essa vontade de chegar mais perto, entender mais de perto aquilo que parece estranho. Este episódio juntou um monte de gente curiosa e conversadeira.

Dani: E ainda tem aquele monte de gente que não apareceu aqui mas que conversou muito para esse episódio ficar pronto. E a gente agradece aos estudantes que participaram da edição desse episódio em Brasília: Arthur Ulhôa e Hugo Virgílio e aqui em Campinas: Lucas Carrasco e a Francelline Galdino.

Soraya: E agradece sempre também aos nossos financiadores queridos, porque tudo que a Daniela Manica e a Regina Goldenberg, estas duas cientistas, tudo que elas fizeram foi em universidade pública, com recursos públicos. A Fapesp financia a pesquisa da Dani com a Regina. Na Unicamp o Mundaréu conta com o financiamento do SAE e da PROEC, e na UnB, conta com o apoio do PIBIC, do CEAD e do DAN.

Daniela: Os artigos que a gente produziu juntas, publicado em revistas de acesso aberto e disponíveis lá no site do Mundaréu, para quem quiser conhecer mais: mundareu.labjor.unicamp.br. Acompanhem nossas redes, estamos no Instagram, Twitter e no Facebook.

Soraya: E a gente tem novidade, eh, agora no mês de janeiro, que é quando a gente faz férias no Mundaréu. A gente vai aproveitar pra passar pra vocês as conferências da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, esse evento grande que a antropologia brasileira produz, que aconteceu no mês de Novembro e o Mundaréu foi convidado a fazer a narração dessas conferências. Então vocês vão poder conhecer um conjunto de antropólogas e antropólogos de vários países diferentes e a gente vai passar então essas conferências aqui pelo mês de Janeiro no nosso *feed*. Até lá e um super beijo pra todo mundo!

Daniela: Até o próximo episódio!

A música do bloco de encerramento é “Mudernage”, da Ellen Oléria, apenas som.

Tá pelo mundo essa mudernage
Esse balanço roto pra fazer você suar
Tá pelo mundo essa mudernage
Esse balanço roto... roto

A música tem uma batida moderna, ritmada e meio pop. Tem sons marcados. A música diminui, fica o instrumental baixinho e encerra.